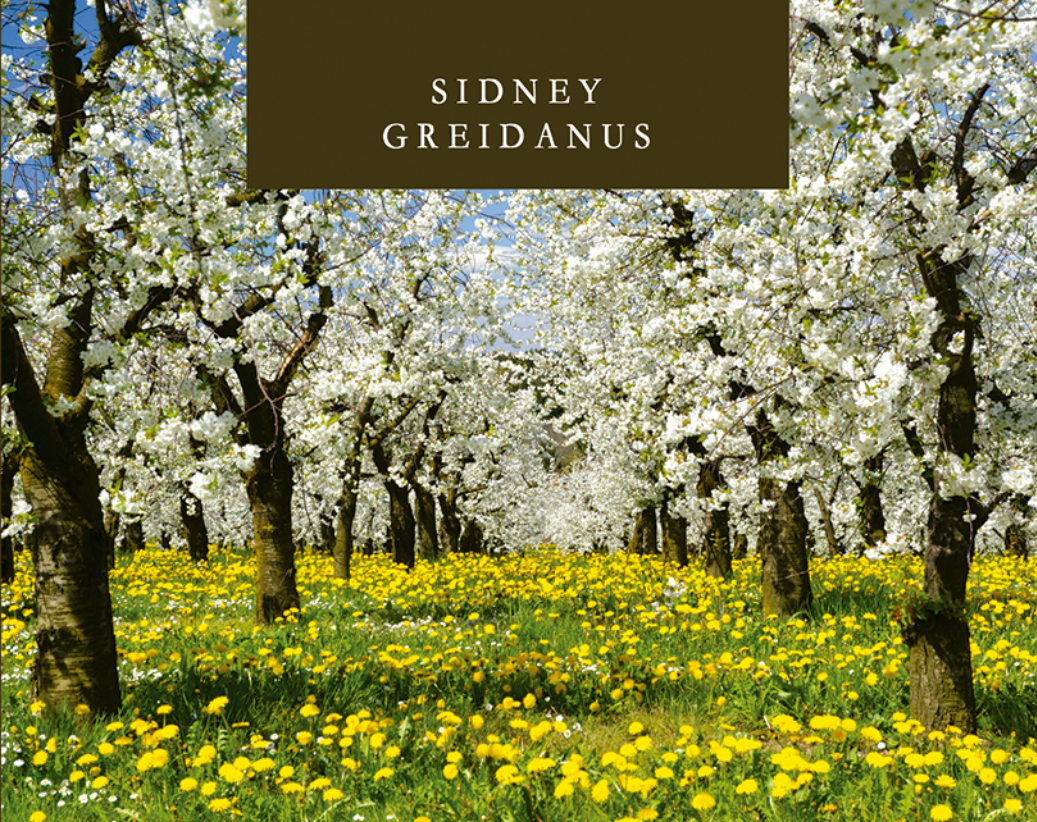




SIDNEY
GREIDANUS

DO CAOS AO COSMO

DA CRIAÇÃO À NOVA CRIAÇÃO

TEOLOGIA
BÍBLICA

Sumário

Lista de abreviações	9
Prefácio da série	11
Prefácio	14
1. O tema caos-cosmo em Gênesis, Êxodo e Josué	17
2. O tema caos-cosmo na Literatura Sapiencial, em Salmos e nos Profetas	67
3. O tema caos-cosmo no Novo Testamento	135
4. Pregar uma série de sermões ou ensinar uma série lições sobre o tema caos-cosmo	205
Apêndice: tarefas de leitura para grupos de estudo bíblico	235
Bibliografia selecionada	237

O tema caos-cosmo em Gênesis, Êxodo e Josué¹

O tema caos-cosmo se enquadra no tema bíblico mais amplo da realeza de Deus e de seu reino vindouro. É também um subconjunto do enredo bíblico da criação, queda, redenção e nova criação.

Alguns estudiosos da Bíblia preferem não usar a palavra *caos* porque o hebraico não usa o termo caos, mas sim várias outras palavras, tais como *sem forma, vazio, escuridão, o abismo, as águas, os mares, Raabe, grandes criaturas marinhas e Leviatã*, e uma vez que os estudiosos usam o *caos* em muitos sentidos diferentes, alguns presumem que o caos seja inerentemente mau.² No entanto, nós ainda podemos usar esse

¹ Gênesis, Êxodo e Josué são os livros históricos em que o caos (“a escuridão”, “o abismo”, “as águas”, “o dilúvio”, “o mar”, “o Jordão”) desempenham um papel importante.

² V., p. ex., a obra de Eric Vail, *Creation and Chaos Talk*, p. 16-25, 77-154, 210-13; John Walton, *Genesis 1 as Ancient Cosmology*, p. 27-8; e Rebecca Watson, *Chaos Uncreated*, p. 1-3, 13-9. Watson afirma assim: “Qualquer tentativa de traduzir o vocabulário em termos de ‘caos’ exigiria uma definição cuidadosa, e é melhor evitar” (p. 16).

termo comum, se o definirmos de forma correta. Dentre as várias opções, o *Webster's Unabridged Dictionary* [*Dicionário Integral Webster*] oferece uma boa definição inicial de caos: “A infinidade de espaço ou matéria amorfa que supostamente precedeu a existência do universo ordenado”. O dicionário Webster também nos apresenta uma definição viável para o cosmo: “O mundo, ou universo, considerado como um sistema ordenado e harmonioso”.

Ao começar por essas definições bastante gerais de *caos* e *cosmo*, podemos adicionar também as formas mais específicas de caos e cosmo lidas nas Escrituras de Gênesis 1 a Apocalipse 22. Gênesis 1 começa com: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” — o universo ordenado e harmonioso.³ Apocalipse 21 e 22 descrevem “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21.1) — outro universo ordenado e harmonioso. Entre esses suportes cósmicos do livro (chamados *inclusio*) encontramos unidades microcósmicas de desordem e ordem restaurada — unidades como a terra, o reino animal, a humanidade, as nações e os indivíduos. Todas as unidades microcósmicas ordenadas prefiguram o cosmo ordenado do tempo do fim descrito em Apocalipse.⁴

³ Bruce Waltke aponta que “Cântico dos Cânticos de Salomão usa as palavras gregas *ho kosmos* para se referir a Gn 1.1”. “Creation Account in Genesis 1.1-3”, *BSac* 132, n. 527 (1975): 218.

⁴ Pretendo demonstrar o progresso do tema do caos ao cosmo por meio de amplos traços históricos à medida que se desenvolve no cânon existente: Gênesis—Êxodo—Josué; Livros Sapienciais—Salmos—Profetas; e no NT, Evangelhos—Atos—Epístolas—Apocalipse.

O contexto do Antigo Oriente Próximo

É preciso entender o tema bíblico caos-cosmo em relação ao contexto mais amplo do mundo antigo, em que o caos estava associado ao mar e às águas. Israel compartilhava da visão de mundo de seus antigos vizinhos orientais como um universo de três compartimentos. John Day explica: “Todas as passagens do Antigo Testamento que falam a respeito do controle de Deus sobre o mar no momento da criação naturalmente pressupõem a visão do mundo arcaico compartilhada pelos antigos israelitas com os outros povos do antigo Oriente Próximo, de que tanto acima do firmamento abobadado do céu, quanto abaixo da terra, há um mar cósmico. Considerava-se a chuva originária do mar cósmico, acima do firmamento, que descia através das janelas do céu, ao passo que se cria que os mares e os lagos do mundo consistiam nas águas que estavam conectadas com a parte subterrânea do mar cósmico (cf. Gn 7.11)”.⁵

O tema caos-cosmo nas Escrituras tem muitas semelhanças com os antigos mitos do Oriente Próximo. De acordo com o antigo épico babilônico da criação *Enuma Elish*, o principal deus babilônico, Marduque, criou o céu e a terra quando lutou contra a deusa do oceano Tiamate:

O Senhor estendeu sua rede e a rodeou,
O mau vento que ele segurara atrás de si, ele lançou
contra o rosto dela.
Tiamate abriu a boca para engoli-lo,
Ele empurrou o vento ruim para que ela não pudesse
fechar os lábios.

⁵ Day, *God's Conflict with the Dragon and the Sea*, p. 4.

Os ventos fortes incharam sua barriga,
 Suas vísceras foram bloqueadas, ela gemeu com a boca
 bem aberta.

Ele disparou a flecha, que abriu a barriga dela ao meio,
 Cortou suas entranhas, perfurou seu coração.

Ele a subjugou e extinguiu sua vida,
 Ele jogou no chão sua carcaça, tomou posição sobre ela...

Ele a partiu ao meio, como um peixe para secar,
 Metade dela, ele montou e fez como uma cobertura,
 o céu.

Ele esticou a pele e designou vigias,
 E ordenou que não deixassem escapar suas águas.
 Ele cruzou o céu e inspecionou (seu) firmamento..
 Espalhando [a outra metade] dela como uma coberta,
 ele estabeleceu o submundo...

Então os grandes deuses se reuniram.

Eles elevaram o destino de Marduque...

Eles o estabeleceram para sempre como o senhor do
 céu e da terra...

Sua palavra será suprema tanto no firmamento quanto
 no submundo.⁶

Quando a literatura babilônica foi redescoberta no final do século XIX, muitos estudiosos presumiram que Israel simplesmente tomara para si o mito da criação babilônico. Por exemplo, o influente Hermann Gunkel afirmou que o tema de *Enuma Elish* foi simplesmente transferido para Israel, onde perdeu muitos de seus elementos mitológicos

⁶ *Enuma Elish*, tábua 4, linhas 95-104, 137-41; tábua 5, linha 63; e tábua 6, linhas 95-6, 100, 104, cf. trad. por Benjamin R. Frost no livro de William W. Hallo, org., *The Context of Scripture* (New York: Brill, 1996), vol. 1, p. 390-402.

e politeístas até que “em Gênesis 1 está, na medida do possível, completamente judaizado”.⁷ Contudo, como Robin Routledge sinaliza: “Embora existam pontos de semelhança suficientes para sugerir que o escritor de Gênesis conhecesse o mito babilônico e tivesse usado algumas de suas imagens, reconhece-se amplamente não haver nenhum indicativo de dependência. O tema do conflito [batalha contra o caos] e a exaltação final do deus criador, característica central de *Enuma Elish*, não se encontra em Gênesis 1”.⁸

Os estudiosos contemporâneos são mais propensos a procurar o pano de fundo do tema caos-cosmo na antiga

⁷ Gunkel escreve: “Nós estabelecemos a seguinte sequência histórico-religiosa a respeito do mito da criação: 1. O mito de Marduque [...] O mito babilônico é transferido para Israel; 2. A recensão poética do mito de YHWH [...] Lá ele perde muitos de seus elementos mitológicos e quase todos os seus elementos politeístas; 3. Gn 1 [...] Em Gn 1 ele é, na medida do possível, completamente judaizado” (*Creation and Chaos in the Primeval Era and the Eschaton: A Religio-Historical Study of Genesis 1 and Revelation 12*, trad. K. William Whitney Jr. [Grand Rapids: Eerdmans, 2006], p. 82).

⁸ Routledge, “Did God Create Chaos?”, p. 72. Routledge continua assim: “Enquanto *têhôm* [heb., “o abismo”] não pode derivar de Tiamate, parece haver um consenso de que se trata da mesma raiz; assim, o termo pode ter sido incluído como alusão intencional ao mito babilônico; no entanto, de forma significativa, na narrativa de Gênesis, *têhôm* não recebe *status* divino nem é personificado” (p. 73). Tsumura escreve: “O pano de fundo da história da criação de Gênesis não tem nenhuma ligação com o chamado mito *Chaoskampf* [batalha do caos] do tipo mesopotâmico, preservado no Mito da ‘criação’ babilônico *Enuma Elish*. Em Gn 1, não há indício de luta ou batalha entre Deus e o *têhôm*-água” (*Creation and Destruction*, p. 143).

literatura cananeia.⁹ Aqui também se encontra o mito sobre um deus da tempestade que luta contra um deus do mar. O deus da tempestade (que controlava os relâmpagos, a chuva e a fertilidade) era Baal, e o deus do mar (o deus do caos) era Yam. Parte do mito de Baal diz o seguinte:

O cetro girou na mão de Baal como uma águia,
(agarrado) a seus dedos, esmagou a cabeça do príncipe
[Yam]...

Yam desabou e caiu no chão
seu rosto estremeceu e suas feições se enrugaram.

Baal estava destruindo Yam e derrotando-o...

“Com toda certeza Yam está morto, (e) [Baal] será
rei”.¹⁰

Embora esse mito também mencione um deus, Baal, que luta contra o deus do mar por controle, o resultado não é a criação do céu e da terra, e sim do reinado de Baal e da construção de um palácio nos céus com janelas para regar a terra.

⁹ “Desde a descoberta dos textos ugaríticos, de 1929 em diante [...] tornou-se claro que o pano de fundo imediato das alusões do Antigo Testamento ao monstro marinho não é babilônico, e sim cananeu. Os textos ugaríticos contêm não apenas um relato da derrota do rebelde deus do mar Yam por Baal, que teve como resultado, o fato dele ser aclamado rei, mas também traz alusões a uma derrota do Leviatã” (Day, *God’s Conflict with the Dragon and the Sea*, p. 4). Watson escreve assim: “Como resultado das descobertas de *Ras Shamra*, na década de 1930, agora também se considera, de modo geral, que o pano de fundo mais imediato das imagens do chamado ‘caos’ é cananeu, em vez de babilônico” (*Chaos Uncreated*, p. 12).

¹⁰ O mito de Baal, anteriormente chamado de “Anat”, Baal 3A, 23-32, trad. G. R. Driver, *Canaanite Myths and Legends, Old Testament Studies 3* (Edinburgh: T.&T. Clark, 1956), p. 83.

Os autores bíblicos não escreveram a partir do nada, é claro. Para serem compreendidos, eles tiveram que acomodar suas imagens à cultura prevalente, fosse ela babilônica, cananeia ou egípcia. Portanto, Gênesis, bem como os outros livros do Antigo Testamento, devem ser lidos contra o pano de fundo das histórias do antigo Oriente Próximo. Contudo, como as ilustrações de sermões que usam Chapeuzinho Vermelho não ensinam que este conto de fadas é literal e historicamente verdadeiro, o uso das antigas histórias do Oriente Próximo pelos autores bíblicos, não significa que eles ensinavam que essas histórias antigas eram verdadeiras, em sentido literal e histórico.

Por exemplo, a poesia hebraica exigia o uso de muitas imagens. De onde os poetas hebreus as obteriam? Das histórias conhecidas em sua cultura, é claro — os mitos antigos. Os elementos desses mitos serviram para embelezar o ponto que eles estavam tentando apresentar a fim de torná-lo mais vívido. Em vez de procurar semelhanças entre os escritos bíblicos e os mitos antigos (muitas vezes com o fim de estabelecer uma dependência), é mais importante observar as diferenças.¹¹ As diferenças nos tornam cientes da crítica das Escrituras aos mitos pagãos.

Nahum Sarna estabeleceu a relação entre as referências bíblicas ao caos e àquela dos mitos:

¹¹ Terrence Fretheim, *God and World in the Old Testament*, observa as seguintes diferenças: “A ênfase na história em lugar da natureza, a falta da teogonia [nascimento dos deuses] e do conflito entre os deuses, a ausência de interesse no caos primitivo, no monoteísmo prevalecente e no alto valor dado ao ser humano” (p. 66).